

Classes sociais no bolsonarismo 2020

Social Classes in the Bolsonarism of 2020

ATTICO CHASSOT*

Resumo: Este texto é um ensaio (talvez, em uma mirada inicial, considerado acadêmico) que deseja descrever a produção de um artigo, a partir da reciclagem de excertos de publicação semanal do autor. O produto final – o artigo cêntrico do ensaio – é resultado de desafio que o autor se autopropôs fugir de sua área de produção e, como alienígena, escrever acerca de tema no qual é leigo. Se reconhece importante conhecer o contexto da elaboração do artigo, e por tal se traz detalhes em um prelúdio. Também o fato da escrita ocorrer em tempos pandêmicos parece válido estes serem relatados em posfácio. O posfácio parece ser um resposno ao prelude.

Palavras-chave: Alfabetização científica. Blogue. Classes sociais. *Lives*. Tempos pandêmicos.

Abstract: This article is an essay that perhaps seems to be a non standard academic work since it is composed by he recycling of excerpts from the author's weekly publication. The final product – the core article of the essay – is the result of a challenge, wich the author proposed to escape from his area of production and, as an alien, write about a topic in which he is a layman. It is very important to know the context of the elaboration of the article, so for that reason details are presented in a foreword. Also, the fact that writing takes place in pandemic times seems valid for these to be reported in the afterword. The afterword appears to be a response to the foreword.

Keywords: Scientific literacy. Blog. Social classes. *Lives*. Pandemic times.

* Attico Chassot é Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutoramento na Universidade Complutense de Madrid. Licenciado em Química (UFRGS). Mestre em Educação (UFRGS). Orientador de doutorado da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). Professor Visitante Sênior da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). www.professorchassot.pro.br Contato: achassot@gmail.com

À guisa de prelúdio

De maneira usual me parece importante saber o contexto em que um artigo ou um livro foi escrito. Não sei o que mais agrada ao leitor saber: um retratinho do autor, com data de nascimento e formação acadêmica ou relato do cenário e/ou ações do autor à redação do texto. Para mim é mais agradável a segunda opção (relato do cenário e/ou ações do autor), por tal teço-a, aqui e agora, à guisa de prelúdio.

Há mais de 14 anos publico um blogue¹ pelo entardecer de cada sexta-feira. Este mí(s)tico momento de edição tem a ver com a fruição do *shabath* judaico, que me é muito caro. Não raro, me custa crer, que este blogue, em mais da metade de seu tempo de circulação, houvesse tido periodicidade diária. Hoje, pela assim chamada falta de tempo, esta frequência semanal está quase a soçobrar.

O meu blogue tem a pretensão de fazer Alfabetização Científica. Isso não é trivial. Talvez isso seja facilitado pelo envolvimento com a distinção que os gregos fazem de saberes com duas palavras: a *episteme* (= saber acadêmico ou validado pela comunidade científica) e a *phronesis* (= a sabedoria por ser a virtude do pensamento prático). Prefiro pensar como o *saber saboroso* ou saber detido pelos que realmente sabem.

Usualmente, comento sobre minhas leituras ou de meus escrevinhares. Conto dos fazeres dos meus orientandos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. (Releio este parágrafo e surpreendo como tenho posses: meu blogue, meus orientandos, minhas leituras...)

Com muita frequência o blogue se transmuta em um diário de um viajor. Há leitores que dizem se sentir viajando comigo, de maneira particular quando relato viagens de férias. Lateralmente, é saboroso narrar: tenho um *souvenir* de Dubrovnik, trazido à minha casa por um médico, que eu não conhecia, que lera no meu blogue loas à cidade croata e me mimou pela sugestão.

Mais difícil que redigir uma blogada é decidir qual será o mote (= *tema ou assunto de algo*, opção 4, de 7 no *Dicionário Priberam*). Esta indecisão já começa na sexta-feira, logo após postar a edição semanal. O que assuntarei semana que vem?

1. CHASSOT, Attico. Blogues como artefatos culturais pós-modernos para fazer alfabetização científica? *Competência*: Revista da Educação Superior do Senac-RS. p. 11-28. v. 2, n. 2, julho de 2009 ISSN 1984-2880.

Estava a tecer a segunda blogada de setembro de 2020, quando os tempos pandêmicos completavam já um extenso meio ano. Estava sem assunto. Os tempos pandêmicos nos fazem, não raro, intelectuais estéreis.

Pensara em evocar na postagem o 19º aniversário do megaatentado ao WTC... Recordaria então que: “se em 11 de setembro de 2001, morreram quase 3 mil inocentes, na destruição das torres do WTC: já foram muito lamentados. A cada dia, hoje, morrem 30 mil por falta de água” e/ou então, diria que todos nós lembramos o que fazíamos naquela manhã, que por aqui fora primaveril. Eu, acompanhado de familiares e colegas, sepultava minha mãe no bucólico cemitério do Faxinal, na zona rural de Montenegro, RS.

O 11 de setembro não apetecei evocar. O assunto fazia eco à repetida admoestação: “Fique em casa. Lave as mãos com sabão.” Porém, qual o mantra para os que não têm casa? E para os que não têm água e muito menos sabão?

Resolvo navegar por mares não dantes navegados. Sei que – por não ser filósofo, sociólogo ou antropólogo – certamente poderei ser enquadrado em dispositivos legais por estar praticando exercício profissional ilegal. Mas, há os que não sendo médicos, prescrevem Ivermectina, Cloroquina, entre outras panaceias. Se comparada minha infração, ela é menos grave e caso menos riscos a outrem.

O prelúdio se faz mais extenso que imaginava. Preciso submeter o texto. Já é tempo de fazê-lo. O prelúdio fica qual indez (dizer germen de cristalização soa mais acadêmico) para preparar o texto que até já foi batizado. Vamos agora ao texto do blogue, claramente indicado por uma barra lateral.

Classes sociais no bolsonarismo 2020

Em tempos de pandemia, que de vez em vez se transmuta em pandemônio, *enquadro uma significativa porção de brasileiros em três estratos.*

Para não se dizer que uso o óculo do senso comum ou do *achismo*, tenho como fonte de informações: observações, leituras, diálogos e, especialmente, uma muito extensa oitiva de rádio. Aceito a pecha de *démodé*, mas prefiro o rádio à televisão ou à imprensa escrita. O acesso ao rádio se faz em um amplo espectro: ouço de segunda a sexta-feira o boletim da Rádio Vaticano e no cotidiano, diferentes emissoras ditas de pensamento religioso e uma emissora de rádio de uma rede explicitamente de direita.

Com os referidos construtos culturais, guardando uma clássica estruturação social, tento narrar, talvez, reescrever três classes e constato que me enquandro em uma *‘classe média’* por estar inserto/incerto entre uma *classe A ou classe Alta* e uma *Classe C ou classe Baixa*.

Mesmo reconhecendo minha ousadia, não sem temor, ousou narrar cada um destes três estratos sociais, neste pandemônio de tempos de um bolsonarismo pandêmico. Início cada um dos três estratos com um *verbete consagrado* e tento em cada um dos três segmentos *‘exarar observações para um Brasil 2020’*. Desejo que este texto seja lido como um amearhar de observações, que ainda são um rascunho de texto que talvez não vá muito além de um esqueleto a ser encarnado.

Classe A ou Classe Alta “... é uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como possuidora de um poder aquisitivo e de um padrão de vida e de consumo além do razoável, de forma a não apenas suprir suas necessidades de sobrevivência, como também a permitir-se formas variadas de lazer e cultura, é comum chegar aos padrões de consumo eventualmente considerados exagerados” (Wikipédia²). É aquela reduzida e perfumada casta que está no topo da pirâmide. Num Brasil 2020 são aqueles que em tempos pandêmicos – mais provavelmente – veem o seu capital aumentar. É o mais heterogêneo dos três grupos. Há, aqui, aqueles que nesta pandemia fizeram descobertas, como o trabalho distante do local, tido como usual, é mais produtivo e mais econômico.

Aqui estão aqueles que são representados no parlamento pelos Bês do Boi, da Bala, da Bola, da Bíblia. Os do Boi e os da Bala estão cada vez mais

2. Também neste texto, como em outras situações, sinto, não raro, uma desconfiança ou até um desconforto de colegas por referir a Wikipédia como fonte de alguma informação. Mesmo que a Wikipédia já tenha 20 anos, ela sofre os mesmos preconceitos (uma enciclopédia na qual qualquer um pode escrever o que quiser!) de 2001, quando iniciou. Todos sabem que nunca foi assim. Eu prometo, aqui e agora, preparar um texto evidenciando pelo menos duas informações basilares: 1) a Wikipédia (até por não ter anúncios e por ser de acesso livre universal) é o melhor exemplo de uma ampla e irrestrita disseminação do conhecimento. Aqueles que usaram enciclopédias em suporte de papel podem amearhar pelo menos três nítidas vantagens da Wikipédia, quando comparadas às de suporte de papel: i) o custo muito elevado das enciclopédias; ii) a rápida desatualização e lenta atualização; iii) a dificuldade de manuseio. 2) Não é fácil publicar um verbete na Wikipédia; ainda mais difícil é alterar, de maneira estável, algo em um verbete publicado por outros. Os wikipedistas, quais bem treinados cães de guarda, são altamente capazes na vigilância do que é publicado novo ou reformado do já publicado. Prometo honrar o acima prometido, preparar um texto.

consoiciados. São os que se apoderam de terras (mesmo que estas sejam de ancestrais grupos indígenas) e as defendem à bala, afinal, agora tudo é Agro. Só não mitificam a agropirataria e os agrocidas.

Uma parte dos da Bíblia (aqueles donos de igrejas que não pagam impostos) estão na Classe A. Parte muito significativa dos fiéis da Bíblia está na classe C.

Aqui estão os da Bola (jogadores e cronistas esportivos) crentes que devem e podem defender o Brasil do comunismo. Pertencem ao tropel de bolsonaristas, aqueles que ganham muito dinheiro (mal havido), mas são incapazes de ser socialmente úteis. Há os que continuam mamando em úberes inesgotáveis, que a cada mês fornecem aposentadorias nababescas, obtidas muitas vezes pela adição de penduricalhos *ad aeternum*.

Estão também nesta classe A, os atravessadores entre as etapas de produção e comercialização de uma inumerável quantidade de produtos (especialmente agrícolas).

Provavelmente, está nesta classe uma legião de recebedores de salários e vantagens do Ministério da Defesa, que se diz ter orçamento maior que o do Ministério da Educação. Talvez os de mais alto escalão nem sejam incapazes de saber por que aquilo que fazem não serve para nada mais útil do que serem fiéis sentinelas e eternos guardiões, para impedir a entrada do comunismo no Brasil, vindo da União Soviética (sic) e impedir que o PT continue roubando.

É esta poderosa Classe Alta que hoje, com artimanhas obscuras, elege e controla parlamentos e também, de maneira ilegal, recebeu/recebe o auxílio emergencial disponibilizado a necessitados.

Classe Média “... é uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como possuidora de um poder aquisitivo e de um padrão de vida e de consumo razoáveis, de forma a não apenas suprir suas necessidades de sobrevivência como também a se permitir formas variadas de lazer e cultura, embora sem chegar aos padrões de consumo eventualmente considerados exagerados das classes superiores” (Wikipédia). Nesta classe estão dois grupos significativos, que (mesmo cada um nadando em direções opostas) de maneira paradoxal, ambos nadam contra a corrente. Um grupo sua a camiseta para não ser subsumido pela classe C. O outro sonha levitar e ter um ejeção à classe A. Em um Brasil 2020, são aqueles que mais provavelmente veem o seu capital ser corroído a cada dia. A presença de bolsonaristas neste segundo grupo é muito pequena. Há alguns eleitores arrependidos, mas pouco convictos.

Parece haver poucos conversos e os neobolsonaristas são usualmente discretos, por serem minoria. Entre os professores – destes profissionais a maioria parece ser da Classe Média – que são capazes de oferecer um ensino mais crítico e por tal são acusados pela Classe A de serem militantes comunistas.

Sobre a Classe Média há uma pecha de que a grande maioria é sindicalista de esquerda, tentando tirar vantagens dos trabalhadores das duas outras classes. Brada-se a toda hora em certa emissora, que Brasil de Bolsonaro só não vai melhor porque o PT continua roubando e atrapalhando.

O desprezo que o governo alimenta à Educação faz uma parcela de trabalhadores imensamente desgastada. Neste período, ter que ‘inventar’ uma educação remota tem feito professoras e professores fazerem quase milagres. O desrespeito aos educadores se manifesta de muitas maneiras. Uma insidiosa prática é o não respeito às indicações dos nomes expressos nas listas elaboradas para a escolha de reitores.

Realmente, ser de Classe Média, tendo o desprezo da Classe A e ver a exaltação do terraplanismo pela classe C é, realmente, estressante.

Classe Baixa “... é uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como a que menos possui poder aquisitivo, bem como a que possui um padrão de vida e de consumo baixo em relação às demais camadas da população. Desta forma, supre suas necessidades de sobrevivência com dificuldade e, muitas vezes, é impossibilitada de permitir-se formas variadas de lazer e entretenimento. É composta principalmente pelo proletariado e por desempregados” (Wikipédia). Aqui estão os que ocupam a ampla base da pirâmide, em que estão ensardinhados aqueles que aspiram cruzar a fronteira plena de avisos, advertindo que não cruzem o muro que os separa da paradisíaca classe B. No Brasil 2020, a Classe Baixa é paupérrima, se comparada à Classe Alta. A Classe C é também muito maior que as classes Alta e Média juntas. Em outra comparação, entre as duas classes, a classe C é muito mais fiel ao bolsonarismo que a classe A.

A Classe C é mais homogênea e uma parte muito significativa dela, por causa da pandemia, está tendo microdoses de capital injetada direto na veia, recebendo uma merecida ajuda, que está tendo um sintoma indesejado: o aumento do preço do arroz, pois o aumento do consumo do mesmo faz os supermercados aumentarem o preço.

Esta classe C é a melhor exemplificação do quanto na Republicueta Cívico Militar Teocrática do Brasil, a terceira de suas três dimensões, viceja de

maneira exuberante. Há inclusive dificuldades de se entender a matriz desta teocracia. A pergunta: **Qual a tua religião?** tem respostas do tipo: *sou cristão / sou evangélico / sou reformado / sou carismático / sou ...* que, aparentemente, mascara qual a denominação corresponsável, numa prática que vai desde uma asquerosa concepção de que o escarro do pastor na boca do fiel torna este imune a vírus, até uma tradicional igreja do tipo descrito em Atos dos Apóstolos.

Estas três classes parecem conviver bastante bem na Republicueta. Não se vislumbra uma convulsão social. A classe A, que continua vivendo cada vez mais enjaulada, sabe que tem que tratar bem (até acarinhar) a Classe C, pois é ela que faz crescer o bolo. Com a cada vez maior precarização do trabalho, também isso ficou facilitado. Os ricos se locupletam ainda mais. 'Oferecem' emprego, mas a CLT só encarece o salário... Os pobres (também) se ralam, ainda mais. A classe média tem adensado uma máxima salvífica: *Há que correr senão o bicho pega!*...

Assim, narrei como com uma blogada se fez um pequeno artigo, que tem a pretensão de ser uma microanálise de como um leigo (um não filósofo ou sociólogo) no assunto, vê três castas neste pandêmico Brasil 2020.

Este texto se completa agora, com mais dois segmentos: primeiro, algumas (re)percussões, com pingos e respingos. Depois, um posfácio. Este, quase um responso ao prelúdio, que ressoa como um *ite missa est*. Leiamo-nos, agora em um e em outro.

Um blogar para saborear respingos

A blogada de 18/09/2020 – que sucedeu àquela que se travestiu no artigo recém apresentado – teve um segmento para celebrar sucessos. Qual o autor que não se compraz no amealhar comentários que destacam seus textos? Senti, aos primeiros comentários, minha *fortuna crítica* (referem-se aos estudos de natureza acadêmica voltados a uma obra ou autor específico) se adensar.

Apresentei um excerto, publicado na edição de 11/09/2020. Encerrava, assim, a última edição, em pretérita sexta-feira, quando sem ser filósofo ou sociólogo ou antropólogo ousava estruturar extratos da população em três classes sociais: *peço que este texto seja lido como um amealhar de observações. É oportuno considerá-lo não mais do que um rascunho de um texto em construção. Comentários com discordâncias e com concordâncias são bem-vindos.*

Amealhei comentários significativos. Como estes ocorrem, a posteriori do acesso da maioria dos leitores, muitas vezes não são lidos. Há um alerta evangélico: *“E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa”* (Mateus 5:15).

Por tal publicizo, aqui e agora, alguns comentários postados durante uma semana:

1. Meu caro Mestre. Mesmo tendo se arvorado em terreno pouco afeito, tua lauda é muito clara e possui muita pertinência com a temática atual do Governo psicopata do Planalto. Abraço do JB e boa semana (Prof. Jairo Brasil, 11/09/2020).

Pertinentes observações Professor! Definitivamente, somos um país de classe C, com enormes diferenças sociais, e, no ritmo que vamos, ainda levará gerações para nos transformarmos num país socialmente justo. (Joni, assessor de investimentos, 11/09/2020).

2. Olá! Como está mestre Chassot! Textos como esse nos ajudam a entender nossa realidade. Desafiam-nos a refletir na busca por soluções. E também nos fortalecem na luta pela resistência/sobrevivência, pois saber que um sábio como o senhor pensa assim é um motivo de esperança e convicção de que estamos do lado certo da força. Abraço (Prof. Amarildo Alves, 12/09/2020 e 11/09/2020).

3. Excelente reflexão, Prof. Chassot! Repassando ao nossos estudantes. Gosto muito de suas análises, transdisciplinares, imbricando os aspectos políticos aos que nos rodeiam dia a dia. Falta muita da dimensão política na formação de professores, sobretudo, no campo das ciências! Agradeço a partilha, boa semana! (Unknown14/09/2020).

4. Olá professor Chassot, parabéns pelo texto com tanta clareza, do momento que estamos vivenciando! Respeitosamente. (Profa. Dra. Regilany, 14/09/2020).

5. Excelente análise, caro Mestre!!! É por tal clareza sobre o conceito de CLASSES que se demonizou Karl Marx... Imaginemos como seria, se fosse possível ensinar a todos sobre tal temática de forma tranquila? Vivemos tempos em que, infelizmente, é preciso escolher certas palavras... para que não nos queimem na fogueira do adjetivismo imbecil da ignorância. Abraços, (Vanderlei Gulate Faria, 14/09/2020).

6. Salve, meu bom amigo Ático. À parte um possível exercício ilegal de profissão... faz-me pensar que todo mundo gosta de apitar no ambiente escolar. É tanta intromissão, que não raro, existem empresas especializadas que assumem tal condução. Então, há mais irregularidades sob o céu das profissões do que pode captar nossa modesta consciência. Gostei de tua análise, o que me fez pensar no Prof. Jessé José Freire de Souza que trabalha a identificação de classes no Brasil. Aqueles que defendem a abjeta situação com seus abjetos atores, permita-me, sem a ilegalidade de profissão, colocá-los no que defino como “A Teoria do Frango”. Toda vez que o consumidor tira o galináceo do terreiro para degolá-lo e dele alimentar-se, os demais reagem e em seguida, voltam ao cotidiano com a consciência tranquila de que ‘não foi comigo’. Esses também alimentarão a sedenta e insaciável fome de poder e bens da classe superior e seus dirigentes. Meu abraço, diretamente de Sorocaba, com calor e esperando chuva para amanhã (Élcio Mário Pinto, escritor, 16/09/2020).

Posfácio: *ite missa est!*

Nas páginas de abertura preludiei acerca da produção de um artigo, em área do conhecimento que não tenho expertise. Um professor de Ciências da Natureza se transmuta, momentaneamente, em filósofo ou sociólogo. Amealho excertos de blogares. Estratifico em classe sociais os habitantes de uma Republicueta presidida por um falso messias.

Contei da estada nos camarins ao preparar o espetáculo. Fomos juntos aos bastidores e espiamos o palco... quase nos convocando. Chegou o momento do espetáculo. Não era no chão da Escola³, pois deste a pandemia nos privou e faz dele ter saudades. Agora são as *lives*, quase assépticas. Um saber primevo controla ansiedades. *Gato com fome come até laranja*.

Nossos escritos são marcados pela situação na qual os produzimos. Trago algo do momento histórico da laboração deste texto. Escrevo quase no ocaso de outubro de 2020. Desde o término da primeira quinzena de março estou em reclusão doméstica. Ainda à primeira quinzena de março fiquei uma semana em Marabá, como ocorreu a cada mês em 2019.

Em tempos anteriores à pandemia eu viajava quase a cada semana. Sou professor visitante sênior da Unifesspa, em Marabá, no Pará. No ano passado, fiz

3. Sempre que grafar *Escola*, com letra inicial maiúscula estou me referindo a toda instituição que forneça ensino público ou privado em qualquer nível: da Educação Infantil a um curso de Doutorado.

palestras ou dei cursos em 21 universidades. Destaco a minha presença em 4 universidades paulistas, sendo estas das mais prestigiadas universidades da América Latina. Em 2019 fui 11 vezes a Marabá, desde Porto Alegre, este ano, apenas uma. Não preciso dizer o porquê não fui mais. E neste março de 2020 duas novas realidades nos foram impostas: *Fique em casa* e se considere a todos com *expertise em ensino remoto*. A maioria estava despreparada para uma e outra das exigências.

Repito que as duas situações não foram opções. Foram imposições. Em 13 de maio fiz a primeira *live* na Universidade Federal do Cariri, em Brejo Santo, Ceará. Nem sabia muito bem o que era uma *live*. Agora, já estive, neste fazer Educação, de maneira remota, em todos os estados brasileiros e em países de quatro continentes. Há *lives* assistidas por mais de meio milhão de pessoas. Esta é uma muito significativa diferença: o número de pessoas que atingimos. No ano passado, quando a cada mês ficava uma semana em Marabá, se atingisse meia centena de pessoas era ótimo. Em 24 de outubro participei de minha 62ª *live*. Já ofertei dois longos cursos em formato remoto: uma Tetralogia de Educação nas Ciências e um Heptagrama de História das Ciências, ambos com parceria entre o Instituto Federal do Paraná (IFPR) Campus Paranavaí e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

Não tenho dificuldades de afirmar – mesmo que possa ser taxado de *démodé* – que há menos de um ano não conhecia o artefato cultural que mais me envolve nestes dias pandêmicos. Hoje livros, revistas, aulas, palestras... nossos meios de buscar saberes parecem obsoletos. São suplantados ou descartados pelas *lives*. Devo reconhecer que foram as *lives* – da pandemia do bem – que me ejetaram do ostracismo.

Estamos vivendo impasses. Estes são significativos em todas as áreas. Vez ou outra ouço a pergunta: quando vamos voltar ao normal? Resposta curta e objetiva: *Nunca*. Posso assestar meus óculos na Educação. Voltar ao normal seria voltar àquela Escola dogmática que Lutero ‘inventou’ na transição do medievo para os tempos modernos, no começo do Século 16? A estas normas que esperamos voltar?

Quase a propósito de ter me referido à igreja medieval, encontrei em ritos eclesiais milenares algo que parece uma apropriada metáfora para o posfácio, que tento tecer para este artigo, que agora o leitor finaliza. As missas na igreja católica romana (e também os cultos luteranos) terminavam com um *‘Ite missa est’*. Nas missas solenes este imperativo é solenemente entoado pelo diácono, despedindo os fiéis, no ocaso de uma missa que já se estendera, não raro, por quase três horas.

Ite missa est! A missa terminou! O texto que me propus escrever está a terminar!

Assim como o povo sabe que quando se faz o anúncio do fim da missa não é para se rejubilar pelo término de um cerimonial, mas é para se pôr em ação para disseminar o que fora anunciado no evangelho. O júbilo aqui é pela perspectiva do escrito se fazer leitura.

Esses rituais religiosos eram, às vezes, cansativos, pois já no final do medievo, muitos não entendiam o latim que a igreja católica romana usou em seus ritos até o Concílio Vaticano II (1962/1965). Há não muito assisti a uma cerimônia de sepultamento, em hebraico, e mesmo que já tivesse sido professor e diretor de uma escola judaica, suspirei aliviado, quando a cerimônia terminou, pois não entendia as rezas. Assim, era natural que o anúncio do fim da missa não tivesse sempre a melhor compreensão. E, talvez fosse celebrado porque a chatice terminara.

Acredito que a qualquer leitor que chegue este posfácio, depois de ler o escrevinhar precedente, sabe o que lhe cabe, enquanto se anuncia que o *artigo terminou*. Como o '*ite missa est*' não encerra a missa, espera-se sonhadamente, que os fiéis levem o 'ensinado' mundo afora...

Este posfácio não é para manifestar júbilo pelo término de um artigo e muito menos para destacar que ele tem mérito para ser publicado – isto o conselho editorial da *Revista Coletânea* vai avaliar – mas com muita esperança, se deseja que este texto catalise ações para sair a semear propostas, para pensar o que vamos fazer para recuperar o que foi e está sendo demolido pelo (des) governo, quando terminar esta bipolar pandemia.

Ao referir a possibilidade de publicação cabe-me, por gratidão, manifestar agradecimentos ao Prof. Dr. Felipe Figueira, do IFPR, não apenas por ser um atento pré-leitor deste texto, que também o formatou, na execução de exigências editoriais, mas, e principalmente, por catalisar esta produção.

Mas como se diz: Tudo passa! Acreditemos nisto. Mesmo que saibamos que não vamos voltar ao normal. Abeberemo-nos do texto e façamos, cada uma e cada um, sumarenta leitura que há de nos ensinar e tenhamos uma cada vez mais crítica Alfabetização Científica e, assim, ajudarmos para que tenhamos cidadãos e cidadãos que se envolvam com um Planeta melhor e mais justo.

Attico Chassot,
na Morada dos Afagos,
na celebração de meu sexagésimo ano de magistério,
no aziago ano pandêmico de 2020.

Artigo recebido em 29/10/2020 e aprovado para publicação em 10/11/ 2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i38-2020-9>

Como citar:

CHASSOT, Attico. Classes sociais no bolsonarismo 2020. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 301-312, jul./dez. 2020. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br